



DANÇA: UM DIÁLOGO COM AS QUESTÕES DE GÊNERO

Eduarda Virginia Burckardt¹
Joice Terezinha Lemanski Dos Santos²
Lisiane Goettens³

O olhar para a escola é, geralmente, voltado para as questões de aprendizagem e conteúdo, tendo como centralidade o conhecimento. Neste viés a escola é o espaço propício para trocas de informações, sobretudo, construção e enriquecimento de diferentes saberes. Para tanto, olhar a escola somente com esta perspectiva significaria deixar de lado questões relevantes que perpassam por salas, pátios e corredores, que dizem do universo dos afetos, da sociabilidade, da alteridade, de conhecer a si mesmo.

A escola, para a criança, é um lugar diferente daquele conhecido e vivido no âmbito familiar. Para algumas crianças é, talvez, a primeira inserção social que se faz sem a companhia permanente da família, alargando horizontes vivenciais que requerem, de algum modo, o exercício da autonomia de si. A escola, passa a ser então, um outro espaço de relações que fortalecerá sua constituição e existência social.

Principalmente na Educação Infantil, as vivências familiares são muito referenciadas em sala de aula, com colegas e professores, pois as crianças trazem para dentro da escola seu mundo vivido com intensidade e da mesma forma, compartilham em casa o que vivem na escola. Nesse sentido, as questões de gênero acabam perpassando variadas situações dentro do universo escolar, guiados pelos sujeitos e conhecimentos que circulam neste meio.


Curiosidades, realidades, compõe o fazer pedagógico diário e, no mundo infantil, os questionamentos que acionam descobertas são, geralmente, intensos. Oferecer atenção a variedade das temáticas acenadas pelo e com os sujeitos infantis, se faz (ou deveria se fazer) via respeito, trocas, vozes e sensibilidade. Assim, essas situações devem ser debatidas,

¹ Mestre em Educação Física. Professora do Centro de Educação Básica Francisco de Assis- EFA. eduarda_lang@hotmail.com

² Pedagoga. Professora do Centro de Educação Básica Francisco de Assis- EFA. joice.santos@unijui.edu.br.

³ Doutoranda no Programa de Pós- Graduação em Educação nas Ciências- UNIJUI, Professora do Instituto Federal Farroupilha- Campus Panambi, lisiane.goettens@iffarroupilha.edu.br





problematizadas e repensadas pelo conjunto que compõe este lugar, entre eles, pais, professores e crianças.

Centradas nas discussões de gênero, está escrita tem o objetivo de analisar uma situação vivida em cotidiano escolar, de uma turma da Educação Infantil, do Centro de Educação Básica Francisco de Assis- EFA. As reflexões percorrem as questões de gênero debatidas na escola, pelo viés da dança.

A dança e a expressão corporal, são focos de estudos que compõe a proposta de ensino da EFA, desde as turmas da Educação Infantil até o Ensino Médio. Esta temática é pensada como conteúdo de responsabilidade da área de Educação Física e, também, explorada em momentos vivenciais e espontâneo das crianças em sala, nos corredores, no pátio. Respeita-se o desenvolvimento motor da faixa etária, a singularidade de cada turma e/ou de cada criança, considerando as suas experiências anteriores e do momento, para então produzir novos sentidos e debates.


Nesse viés, Marques (2003), contribui com a ideia de ocupar-se do tema gerador na dança, o qual produz, causa, desenvolve e cria conhecimentos, ultrapassa o senso comum e demanda novas informações, provocando situações de debate e relações aos envolvidos. E com essa intenção os temas são lançados, seja pelo professor ou seja pelas crianças, de modo que despertem interesses de movimentar-se, em entendimento de si e em relação ao outro, ao espaço, ao tema selecionado.

No ano de 2016 o tema geral do projeto da escola, Noite Artística, foi: *Descortinando Ritmos: Brasilidades*, o que trouxe como centralidade o Folclore que orientou a pesquisa. No desenrolar do projeto as crianças brincaram resgatando várias cantigas de roda. A turma A41⁴ vivenciou diferentes brincadeiras de roda cantada no grupo, algumas fizeram mais sentido aos sujeitos envolvidos. Foi então que decidimos unir as canções Marinheiro e Sereia, pertencentes ao folclore brasileiro, para que estas fossem apresentadas no evento da Noite Artística.

Em meio aos debates, as ideias eram problematizadas e as decisões para compor a coreografia iam sendo tomadas em conjunto - professoras e crianças-. A sugestão de formar grupos, de acordo com personagens citados nas canções exploradas foi aceita, e as crianças ficaram responsáveis em escolher qual personagem que queriam assumir. Cada um dos três grupos formados: marinheiros, peixes e sereias - ficou composto tanto por meninos, quanto por meninas, respeitando identificações pessoais.

⁴ Esta turma tem 19 crianças, na faixa etária entre 5 e 6 anos, a turma que antecede a primeira série.





A necessidade de discutir se o grupo seria composto de meninos ou meninas, não surgiu entre as crianças, ficando bem a vontade de se colocar no grupo que escolhessem. O que observamos aqui é que as questões de gênero, para formar grupos, de acordo com personagens citados nas canções exploradas, foi aceita, pois em nenhum momento determinaram personagens, lugares, espaços ou cores.

Os adultos (professoras) que estavam fazendo parte do processo de construção do estudo escolar permitiram as escolhas e socializaram as mesmas com os pais e/ou responsáveis das crianças já que se constituiu necessidade de elaborar roupas específicas para cada personagem- marinheiros, sereias e peixes. O surpreendente é que os pais dessas crianças não se opuseram quanto às escolhas de seus filhos/de suas filhas, ajudando na confecção dos trajes.


As crianças não demonstraram estranheza ou aversão às fantasias. Usaram o mesmo tipo de cauda para compor a sereia, o mesmo modelo de macacão com lantejoulas coloridas para representar os peixinhos e uniforme idêntico para apresentarem-se como marinheiros. Essa situação nos faz pensar que a construção de gênero não pode ser determinada por uma ideia estática e definida por alguns grupos e que, as crianças na maioria das vezes, não enxergam as situações com predeterminações, a não ser quando o adulto já embutiu a ideia, sem ao menos pensar nas colocações feitas por elas.

De acordo com Schwengber (2013, p. 341), “as identidades de gênero não são tomadas aqui como individualidades, nem como processo estático (e definido), mas como processo aberto que envolve uma incessante reorganização de significados culturais, com os quais nos relacionamos nos contextos socioculturais”. Assim, entendemos as identidades como múltiplas e plurais, podendo serem assumidas, ao mesmo tempo, pelos mesmos ou por diferentes atores sociais. As identidades são construídas, produzidas de forma dialógica pelas representações dos discursos e dos objetos culturais.

Dessa forma, é necessário considerar este estudo na escola como fundamental, para que a criança estabeleça suas relações sem distinções. Nas aulas com as professoras da turma não tem distinção de gênero ao trabalhar seus conteúdos e atividades. As crianças têm liberdade de escolher com o que brincar (carrinhos, bonecas, fantasias). As filas, quando necessárias, não são organizadas separando meninos e meninas, mas sim por duplas, com as crianças escolhendo quem vai andar ao seu lado.

E na perspectiva sociocultural podemos ver formas de controle do corpo infantil, que sutilmente se apresentam na escolha da cor das roupas, mochilas, temas de festas, personagens de filmes, tipos de brinquedos que os adultos selecionam e fazem com que as





crianças utilizem. Nota-se algumas vezes nos diálogos das crianças a fala que escutam dos adultos, os quais, se acomodam aos papéis de gênero a eles impostos. Essas situações quando aparecem, são atraídas para o debate do grupo e problematizadas na EFA.

Dentro das propostas da escola, as crianças não demonstram uma preferência específica, por ser menino ou menina, mas gostos momentâneos, experimentando brinquedos e expressões diferentes. Parece-nos que os gostos mudam de criança para criança, sem que isso seja do ponto de vista das influências de gênero e seus discursos. Nessas interações, é que as crianças se desenvolvem e se constituem através das escolhas de papéis, das preferências, das disputas, das conquistas ou frustrações.

Referências

MARQUES. Isabel. **Dançando na escola**. São Paulo. Cortez., 2003.

SCHWENGBER, Maria Simone Vione (Org.). **Educação Física e gênero: desafios educacionais**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2013.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

